

## PENSANDO AS INSTITUIÇÕES A PARTIR DE NOVOS SABERES

ECOS

**E**m seu *Zaratustra*, a verve poético-filosófica de Nietzsche faz deslizar pela boca de seu porta-voz uma nota de assombro, desconfiança e estranhamento em relação aos homens de hoje. Lemos, por exemplo, em um discurso intitulado “Da redenção”, uma avaliação na qual o sismógrafo sanguíneo de seus escritos se aproxima do modo de ser e do modo de conhecer dos especialistas, para neles descobrir uma disposição existencial que, longe de abrigar em si mesma um píncaro de sabedoria, se abre como um sintoma de degradação do humano, uma degradação que corrompe, mutila e deforma a própria humanidade do homem, convertendo a sua integridade na fragmentação unilateral de uma dispersão aberrante.

O mesmo podemos dizer dos detentores da sabedoria, os quais, em um discurso intitulado “Dos eruditos”, são avaliados em sua pretensão de, apoiados sobre os seus títulos e sobre as suas insígnias, julgarem a tudo o que não se enquadre nos moldes de suas noções e virtudes. Para estes, o conhecimento é uma fórmula consagrada que dormita nos arquivos de sua sapiência e basta que se necessite de seu prestimoso auxílio, para que possam dar ensejo ao seu cabedal, funcionando mecanicamente como relógios de corda.

Finalmente, em um discurso intitulado “Do imaculado conhecimento”, sua caneta embebida no sangue e na voz de sua própria experiência coloca em questão o olhar daquele que se põe a contemplar o mundo partindo da isenção de um critério de objetividade. Zaratustra revela na suposta frieza de sua ausência de desejo um desejo ainda mais forte de exercer o poder sobre os outros. Desejo dissimulado sob as vestes da neutralidade, cujo desinteresse e pretensa pureza já não permitem qualquer perspectiva que seja diferente da sua.

Como ressalta Maria José Esteves de Vasconcellos no texto da *Nova Perspectiva Sistêmica* 51, intitulado “Desenvolvendo práticas colaborativas no contexto das políticas públicas, com a aplicação da metodologia de atendimento sistêmico”, o diagnóstico de Nietzsche não parece ter sido superado ainda nos dias de hoje. Pois, ao menos naquelas instituições que operam conforme aquilo que a autora denomina de um modelo tradicional de conhecimento, seu modo de funcionamento ainda se estabelece segundo critérios de um saber especializado, pré-existente e objetivo. Critério que se baseia em uma predisposição de sentido cuja medida precede, inclusive, a provação da experiência. Critério que não permite a prova, o risco e a tentativa, que poderiam fornecer um parâmetro para as ações humanas.

Contudo, ao reivindicar uma ordenação que fundamenta a tudo o que existe a partir de uma medida prévia, os seus agenciamentos também exercem o poder através de um dispositivo que formula verticalmente as determinações que irão nortear as ações e os procedimentos da base operativa.

Pirâmide cuja organização e modo de funcionamento foi delineada pelo texto de Esteves de Vasconcellos, com base na dissertação de mestrado de Aun (2010).

**JOÃO AUGUSTO V.  
DE PAIVA**

*Psicólogo clínico e terapeuta  
de casal e família*

Pirâmide que pude testemunhar no período em que trabalhei como coordenador-técnico do Centro de Atenção Psicossocial – Caps de Barueri. Neste contexto, o planejamento das diretrizes normativas partia de uma “cúpula de médicos-psiquiatras”, os quais adjudicavam as estratégias e procedimentos cuja execução deveria ser operacionalizada por aqueles que trabalhavam em campo.

Enquanto coordenador, minha função era dispor, por meio de dispositivos táticos, a implementação dos desígnios e das diretrizes do nível superior da pirâmide (cúpula de médicos), a fim de garantir a consecução de seu planejamento.

No entanto, pude notar que este modo de funcionamento, ao ser determinado por uma medida prévia, abria um verdadeiro abismo entre pensamento e ação, planejamento e execução, conhecimento e experiência. Abismo que não tornava possível acolher a emergência dos eventos em seu próprio acontecimento, nem incluir a coconstrução de um saber que levasse em conta a todos os envolvidos. Esta parece ser, justamente, a condição reivindicada pela autora quando afirma que: *“Quando as decisões da cúpula voltam para os estratos inferiores na forma de ‘programa a ser implantado’, muitas pessoas nestes estratos não se sentem atendidas, não se reconhecem nas propostas apresentadas, não se sentem co-autoras, não se ‘engajam’ em sua implementação.”*

Vemos, portanto, que o conhecimento não pode se dar como medida prévia, nem pode prescindir da construção daqueles que nele estão envolvidos, pois, como nos lembra Esteves de Vasconcellos, tanto a gaveta dos problemas como a chave das soluções não se dão como uma realidade independente do contexto das interações humanas e de seus significados.

Por isso, me alegra saber que, juntamente com a coordenadora de Saúde Mental do Município, pudemos destituir a “cúpula de médicos” e partir para um novo começo na construção da rede.

Tudo teve início a partir da deliberação de um mandato do Promotor de Justiça do Município, o qual solicitava a reclusão de um paciente psiquiátrico que jamais frequentara o Caps.

Ao apresentar meu relatório conforme solicitação, adotei uma postura de não-saber, solicitando a realização de uma reunião intersetorial para a discussão de seu encaminhamento. Desse modo, contando com a participação de representantes de inúmeros equipamentos que compõem a rede, entre eles, o Caps Álcool e Drogas, o Centro de Referência de Assistência Social – CREAS, o Grupo Vida (asilo), a equipe de psiquiatria do Hospital Geral do Município, assim como o Promotor de Justiça do Município, entre outros, pudemos encaminhar o caso.

Sendo assim, o paciente foi colocado na residência terapêutica do município, seu pai demenciado foi encaminhado para o asilo, sua mãe idosa e portadora de problemas clínicos conseguiu um transporte para o hospital e seu irmão viciado em crack foi tratado no Caps Álcool e Drogas. Além disso, promovemos visitas para ajudar na limpeza da casa, mobilizamos a distribuição de refeições diárias aos residentes e fizemos inúmeros consertos na casa, a qual se encontrava abaixo de uma linha de dignidade humana.

Mas o melhor neste caso é que tudo foi feito com o compartilhamento da família e a coconstrução de todos! As reuniões inter-setoriais continuam existindo mesmo após a minha saída do Caps, principalmente fomentando a discussão daqueles casos que envolvem uma maior complexidade. Vale lembrar que a minha formação como terapeuta de casal e família pelo Sistemas Humanos foi primor-

dial neste caso, pois ela me ajudou na sensibilidade para as interações humanas e seus conflitos, permitindo uma disposição que, como nos dizeres de Esteves, não se abria como a de um expert em soluções, mas sim, em relacionamentos.

Quero ainda lembrar que o texto de Arthur Hipólito no livro *Psicoterapia institucional e o clube dos saberes* foi o responsável por me auxiliar a discriminar a divisão hierárquica entre “nível estratégico” e “nível operacional” nesta instituição, revelando uma surpreendente sintonia com o texto de Esteves de Vasconcellos e permitindo situar historicamente o seu modo de funcionamento, pois, segundo Hipólito (2002): “O sistema hierárquico piramidal teve seu surgimento no fim do séc. XIX, como uma solução para a divisão do trabalho, a fim de possibilitar a divisão em escala típica da Era Industrial.”

Gostaria ainda de dizer que, conforme penso, o desafio da horizontalidade, não se refere apenas à substituição de um modelo, visão de mundo, ou paradigma por outro, mas sim, pela disposição de uma sintonia que, a partir da abertura de um espaço não saturado, possa criar dispositivos de intervenção que sejam, a um só tempo, singulares, provisórios e intercambiáveis. Dispositivos que se abram a partir de uma experiência concreta e levem em conta os inúmeros vetores que participam de seu acontecimento. Além disso, gostaria de salientar que, a meu ver, a diferença entre perspectivismo e objetividade como critérios na aquisição do conhecimento deita raízes em uma fonte muito mais antiga que a da moderna ciência, uma vez que, desde Platão, se discute a diferença e a possibilidade de uma epistême (conhecimento) separada da dóxa (opinião) na aquisição do saber, possibilidade amplamente negada pelos sofistas da época e por aqueles que, hoje em dia, defendem, como nós, a inclusão do ponto de vista do observador.